

POR UM PERFIL DE CRÍTICO CULTURAL

Licia Soares de Souza¹

CAMINHOS DO SIGNO

Consultando os livros *Tempo de Pós-Crítica* (2007) e *Conceitos de Literatura e Cultura* (2005), me dou conta que existe um pensamento que declara o fim do estruturalismo francês, do início do século XX o qual anularia a atividade do leitor crítico pelo privilégio atribuído aos estudos sincrônicos, enclausurados nas estruturas textuais. Pessoalmente, não considero que o estruturalismo francês esteja extinto e que não seja mais capaz de fornecer instrumentos metodológicos para se pensar a cultura. Fui formada com análises linguísticas estruturais valiosíssimas para minha compreensão do mundo da linguagem, com teorias narrativas estruturais de uma riqueza fenomenal, tanto para a literatura como para o cinema.

Para mim, o Estruturalismo é como o Romantismo. Como estávamos em época de ditadura, éramos proibidos de pensar a História da sociedade, em seus processos diacrônicos e reveladores das contradições de classes, e muita gente se concentrou em esquemas estéreis de descrição da produção socio-cultural. Assim como o Romantismo que, pela força do uso, se tornou piegas até um Gustave Flaubert derrubá-lo com um Madame Bovary, o Estruturalismo foi sendo usado como camisa de força para trabalhos cansativos, inaptos a observar o dinamismo das linguagens durante o século XX.

Mas, o pós-estruturalismo já vinha abrindo os olhos para essas atitudes ensimesmadas, desde os trabalhos de Roland Barthes, no final dos anos 1950, colaborando para a emergência de uma Semiótica do mito, das narrativas verbais e visuais, valorizando o dinamismo das conotações. Nos anos 1960, Roman Jakobson reformulou a dicotomia sintagma/paradigma em dicotomia metonímia/metáfora, e a oposição língua/fala em

¹ UNEB/CNPq.

código/mensagem, o que revoluciona não apenas a ciência dos signos, mas as teorias da comunicação baseadas nos esquemas lineares dos funcionalistas americanos. Umberto Eco igualmente com sua *Estrutura Ausente* (1968), teve o mérito de projetar um esquema da comunicação que leva em conta processos culturais no contexto da comunicação.

No espectro do substrato semiótico da teoria das funções, surgiram os estudiosos da narrativa contribuindo sobremaneira para a observação de estruturas autônomas de contos, novelas e romances, valorizadas em sua função estética. É a geração da análise estrutural da narrativa cuja herança para as pesquisas atuais se evidencia incontestável. A valorização da combinatória, enquanto conjunto de operações de segmentação ou partição e comutação ou substituição capazes de determinar os elementos de uma estrutura e seu modelo, constitui uma etapa inevitável no desenvolvimento das ciências da narrativa.

Já nos anos 1970, começa-se a averiguar os estudos de Mikhail Bakhtin que acentua a importância da incidência enunciativa na comunicação, acentuando que todo enunciado mantém relações dialógicas com enunciados emitidos anteriormente, o que quer dizer que todo enunciado mantém e transforma, ao mesmo tempo, o discurso de outrem, o discurso da sociedade. Cada enunciador recria a sua maneira o discurso social, utilizando-se de estilos diretos, indiretos livre e, dessa maneira, o enunciador permite o entrecruzamento dos discursos, provoca o fenômeno da intertextualidade².

As questões que a diligência de Bakhtin abre são relativas à constituição de uma teoria da enunciação tal como construída pelas tensões entre a unicidade e a pluralidade da significação. O caminho intertextual é um apoio seguro para os fenômenos do reconhecimento do funcionamento textual, desenvolvendo bem mais a questão da participação do receptor na troca comunicativa. Isto porque o confronto das enunciações, fortemente mediatizado pela avaliação, pelo horizonte

² O termo *intertextualidade* foi cunhado no final dos anos 1960 para apresentar o *dialogismo* de Bakhtin. Vide Souza (2006), *Introdução às Teorias Semióticas*.

axiológico de cada um, põe à luz uma atividade de produção de discurso (discursos citados) que recorta o texto social (contexto narrativo) e que pode transformar suas propriedades sintáticas e semânticas; e põe à luz também uma atividade de recepção que aprecia os enunciados emitidos na sua singularidade atual, e os conecta, ao mesmo tempo, único capaz de assegurar a relação orgânica entre enunciados de produtores e receptores.

Durante os anos 1970, a Semiótica de Peirce foi entrando timidamente no país. Não sendo uma semiótica psicologizante e recusando o sujeito do discurso (crítica a Descartes), ela é fundamentalmente social, diz Deledalle (apud SOUZA, 2016, p. 157). Peirce sempre defendeu a natureza social do signo: o “eu” que fala é o “lugar” de comunicação dos “interpretantes em situação”, e toda situação é social. Esta recusa de um subjetivismo isolado aproxima Peirce de Bakhtin.

A idéia, em Peirce, é um fenômeno ou *faneron*, sendo tudo o que é, de qualquer maneira, em qualquer sentido, presente na mente, que corresponda ou não a qualquer coisa do real. Sua fenomenologia é batizada de *faneroscopia* e não aceita que a manifestação dos signos entrettenham relações com os fatos fisiológicos ou cerebrais. A teoria saussureana é diádica (significante/significado, língua/fala, sincronia/diacronia, etc.), e a teoria peirceana é triádica. Esta triadicidade tem uma origem dupla, matemática e kantiana. Matemática: o terceiro termo permite combinações singulares entre os dois termos que ele põe em relação; kantiana: Peirce propõe uma lista de categorias para reduzir o diverso das impressões sensoriais a uma unidade. Daí nasce a lógica das relações, também no sentido de evitar o primado da intuição, como em Kant, e do psicologismo.

O CAMINHO DA CRÍTICA CULTURAL

Nas relações culturais, sempre houve tendências homogeneizantes em que as coisas parecem ser semelhantes entre si, e uma tendência a se valorizar a diversidade cultural, a heterogeneidade das culturas e dos saberes. Atualmente, há uma grande mobilização de pessoas através do mundo e as migrações contribuem para a emergência de um novo tipo de enfrentamento entre povos distintos. Dizemos *novo tipo*, pois sabemos que o fenômeno de *misturas* dos povos data de tempos imemoriais. Aristóteles já havia considerado sobre o fenômeno como problema específico das cidades — estado gregas. Na *live* que efetuamos, no dia 5 de junho de 2020, no Canal Pós-Crítica, com a profa. Dra. Zila Bernd, pusemos em relação a influência dos Estudos Canadenses no comparatismo literário no Brasil. Tais Estudos valorizaram o pensamento da diversidade longe dos centros hegemônicos da Europa. As relações Brasil/Canadá/América Latina/ Antilhas desencadearam um pensamento da americanidade, apto a evidenciar pesquisas comparadas entre países das Américas, considerados como zona de periferia.

Se as civilizações antigas passavam por dificuldades nos relacionamentos dos povos diferentes, em decorrência das conquistas e das expansões comerciais, várias comunidades nacionais na civilização moderna, na globalização especificamente, experimentam a necessidade de reapenhar suas diversas origens culturais para lutar contra o hegemônico, ou mesmo para enfrentar um invasor que vem mais uma vez nivelar. Sem contar que, no contexto dos continentes americanos, sofremos o processo histórico das “descobertas” que impôs novos enfrentamentos entre povos distintos os quais figuram na pauta de discussões sobre os vários processos de constituição de identidades que devemos investigar com os termos de “ americanidade, hibridismo, mestiçagem, transculturação, entrelugar e criouliização”³.

³ Vide Souza (2006).

Como podemos projetar, à luz do que já apresentamos, o “ signo” nessa confluência de ideais atuais? Sabemos que os debates em torno da cultura têm trazido à tona muitos problemas sobre os enfrentamentos de povos diferenciados, em termos de diversidade, de variedade e de riqueza dos discursos populares e locais. A focalização no global tem encorajado os métodos de entendimento sobre a abertura das hierarquias, embora exista a tentativa de aceitação de hierarquias simbólicas restritas.

Falar de cultura global significa destacar o fluxo de informações, conhecimentos e imagens diversos, mas também examinar as formas de apologia da homogeneidade e da integração cultural unilateral que vêm, de alguma forma, cristalizar idéias pré-concebidas manchadas de interpretantes dominadores. Nessa perspectiva, vai germinando uma rejeição à lógica binária que tem marcado os trabalhos que abordam a cultura através de termos mutuamente exclusivos como unidade/diversidade, integração/ desintegração, homogeneidade/heterogeneidade. Nesta mentalidade, ocorre novos redimensionamentos das relações entre tradição e modernidade que vêm mostrar que um termo não elimina o outro, mas devem caminhar juntos para o reconhecimento de um “ globo” realmente plural, tolerante e pacífico.

O projeto de signo para um crítico cultural deve ser elaborado, após termos averiguado certos conceitos básicos para a compreensão de uma semiótica da cultura atual.

Transculturização

O pai do conceito de “ transculturização” é o sociólogo cubano Francisco Ortiz que propôs o neologismo em *Contrapunto cubano Del tabaco y el azúcar*, de 1940 (apud SOUZA, 2006), para explicar o impacto das trocas culturais e econômicas durante o período colonial. A produção do tabaco e do açúcar promoveu encontros e confrontos entre culturas diferenciadas que deram origem a processos culturais novos, originais e independentes. Transculturização surgiu assim para significar um trânsito

ativo ou jogo dialético entre culturas que se diferenciava dos processos conhecidos de aculturação e desculturação.

A transculturação enfatiza o processo de mestiçagem cultural e de sincretismo, confundindo a percepção das diferenças e da originalidade das culturas.

O que se impõe, na atualidade, é repensar um conceito como transculturação na América Latina, tendo-se em mente que o lado dominante e hegemônico também sofre influências do lado subalterno e se transforma de alguma forma. É necessário se entender a natureza da “troca” moderna em sentido plural, não apenas bilateral. Um trabalho pioneiro neste campo da transculturação é o *Dicionário de mitos Literários das Américas*, organizado por Zila Bernd, em 2004, que mostra como os mitos trazidos da Europa, tomaram nova roupagem simbólica ao se defrontarem com aqueles dos nativos das terras nas três Américas⁴; outro trabalho que exhibe muito processo de transculturação é o *Dicionário de Personagens Afrobrasileiros*, que organizamos em 2009.

Hibridismo

Os termos híbrido, hibridismo, hibridação têm sido utilizados pela crítica pós-moderna, de preferência ao conceito de mestiçagem (cultural) que possui uma conotação biológica com a evocação das misturas de raça. E sincretismo, que também é recusado, denota mistura de credos religiosos.

Mas híbrido passa igualmente por revisões críticas. Bernd (2004, 1998) mostra que o termo vem do grego *hybris* significando ultraje, uma mistura que violava as leis naturais. A ele estão associados termos como irregular, anômalo, anormal, monstruoso, etc. que autorizam uma definição de mistura híbrida como a composição de elementos reunidos

⁴ Colaborei com três verbetes de mitos literários, que são figuras proeminentes nas Histórias das Américas, que passam a ter vida literária: A Sereia, O Sertanejo, o Guerrilheiro.

irregularmente para originar um terceiro com as características dos primeiros reforçadas ou reduzidas.

Assim, alguns preferem híbrido a mestiçagem, pois este está intimamente ligado à composição racial, enquanto que aquele pode refletir os processos de construção e desconstrução da alteridade. Outros rejeitam completamente o termo percebendo nele apenas sentidos biológicos inadequados à uma compreensão das trocas culturais.

Crioulização (créolisation), americanidade, entre-lugar

O manifesto *Éloge de la créolité* (1989), assinado pelos martinicanos Jean Barnabé, Patrick Chamoiseau e Raphael Confiant (apud SOUZA, 2006), marca a busca de identidade antilhana, após o movimento de recuperação da identidade negra, completamente aniquilada no período escravocrata. Nos anos 1930, o movimento da negritude havia conseguido conquistar um espaço sócio valorizante para o signo *nègre* sempre utilizado para insultar os indivíduos de raça negra. Mas vários autores, entre os quais Jean-Paul Sartre e René Depestre, alertaram para o perigo de afirmação dos valores de uma só etnia, o que poderia gerar uma ideologia de raiz única totalitária. As reflexões de Glissant ⁵sobre o processo de *crioulização* e a Poética de Relação e os trabalhos sobre o conceito da crioulidade constituíram efetivamente a resposta à unilateralidade da negritude, afirmando o hibridismo da cultura antilhana.

Na perspectiva da pós-modernidade, a diligência desses autores antilhanos assegura uma visada relacional das culturas com os valores agregados da imprevisibilidade e da desierarquização. Ela vem assim constituir um ponto de passagem de sistemas duplos de determinações, o lugar de encontro de dois ou mais conjuntos de relações e mesmo representar o relacionamento desses vários conjuntos de relações. E ela vem também ampliar e valorizar o conceito de mestiçagem, mostrando

⁵ Sua tese é intitulada *Discours antillais* (1980) e ele introduz com a “crioulização” a idéia de processo e dinamismo aptas a ativar a riqueza do conceito de *créolité* nos debates identitários.

que as construções identitárias abertas à Relação e ao Diverso, que nascem de povos crioulizados, vão além de ligações biológicas e raciais.

Os trabalhos dos antilhanos revestem-se para nós de um interesse particular, dado que contêm a noção de movimento. Este conceito original de *arquipélago* se assemelha à idéia de Oswald de Andrade da antropofagia cultural. Este buscou inspiração nas origens tupis dos brasileiros, enquanto Glissant pensou na era pré-colombiana, na concepção dos caraíbas e dos arawakes que povoavam as ilhas antes da chegada dos conquistadores para conceber a idéia de relação. Os primeiros navegadores iam de ilha em ilha, tendo muito mais a idéia de arquipélago do que de ilha isolada.

Viver a crioulização é viver a *americanidade*⁶ em suas múltiplas relações, em sua diversidade cultural. De todas as evidências, viver esse pensamento relacional e em movimento significa se inscrever na dinâmica ternária de Peirce. As trocas e as transferências, aqui visadas, parecem refletir a problemática da natureza social do dispositivo ternário do sentido.

Já mencionamos a antropofagia, a americanidade, a mestiçagem na cadeia de conceitos que se conjugam com o de crioulização assim investida da semiose social que se desdobra no espaço-tempo da história. Outro termo que vem se juntar a esse conjunto conceitual é o de entre-lugar que possui várias procedências literárias e antropológicas. Foi cunhado em 1970 por Silviano Santiago que, nos Estados Unidos, definiu esse espaço intermediário e paradoxal. O autor questionou a respeito da produção cultural em província ultramarina, analisando as relações entre as civilizações americana e europeia que não deixam de ser estranhas uma a outra. Mas, no renascimento colonialista está o embrião de uma nova cultura, mestiça, subvertendo as noções de unidade e pureza e que se torna apta a desencadear o processo de descolonização. Temos então

⁶ Lembremos que a *americanidade* é a condição dos er americano de participar de uma grande hibridação cultural (COTE, 2001) que difere do processo de americanização. Vide Bernd (2003, 1999) e Souza (2004).

outra interpretação cultural que se encaixa no dinamismo ternário da semiose e que é capaz de se articular com as textualidades indígenas e o Realismo Maravilhoso que são expressões genuínas das terras americanas.

O signo da descolonização

O conceito de hibridismo de Homi K. Bhabha (apud SOUZA, 2006) tem sido bastante discutido, pois surge em um contexto de colonização. Como membro da elite local de uma sociedade colonizada pelos ingleses durante dois séculos, o autor se inclinou sobre o discurso colonial britânico na Índia no século XIX. Trata-se assim de uma sociedade que viveu sob a égide de dois sistemas de valores.

Inicialmente, Bhabha analisou a representação do *sujeito* em textos escritos por autores coloniais ingleses, contrastando as maneiras diferentes de representar o sujeito colonial, fosse ele colonizado ou colonizador. Abordando a questão da construção da identidade, Bhabha procurou entender as linguagens usadas para representar o sujeito.

Valorizando o hibridismo como elemento constituinte da linguagem, o autor revela que o projeto semiótico que preside à representação historicista e realista, própria à literatura colonial, trata de um signo unitário e pré-construído. Por conseguinte, cria-se uma lacuna entre o significante e o significado que passa despercebida, resultando na aparente estabilidade e previsibilidade do significado. É o espaço intersticial, considerado como um espaço esquecido da significação, o espaço entre pensar e explicar o hibridismo que precisa ser recuperado.

Bhabha compartilha uma visão sociosemiótica do discurso, pois postula que pensar o hibridismo é inseparável de visar a enunciação dentro de um contexto sócio-histórico e ideológico onde um locutor se localiza para produzir enunciados que não deixam de ser textos produzidos num contexto determinado.

Bhabha critica a visão abstrata e idealizada do signo em análises estruturalistas estéreis. Nessas situações, o signo já vem pronto, normalizado e pré-interpretado, e não vislumbra uma geração de conotações sociais. Este conceito de signo não pode atender às necessidades dos debates pós-coloniais, pois não dá conta das justaposições conflitantes lingüísticas e culturais que emanam de tais debates. Já os projetos semióticos da pluralidade se mostram adequados para a investigação dos processos descolonizadores, pois o signo aí emerge em contextos sociais determinados. É onde surge o “terceiro espaço” do pensamento e para onde converge a bagagem heterogênea das ideologias e valores culturais.

Nesse sentido, um enfoque sobre a cultura leva em consideração uma construção híbrida. A cultura, como algo aberto e dinâmico, funciona menos como um “substantivo “que como um “verbo”, uma estratégia de sobrevivência que é transnacional e tradutória.

É transnacional porque contém marcas de diversas experiências e memórias de deslocamentos de origens. E é tradutória porque requer uma resemantização de símbolos culturais tradicionais, como literatura, música, arte, rituais, etc. que antes representavam conjuntos específicos de referências sócio-culturais sob o ponto de vista hegemônico. A cultura moderna pós-colonial processa um hibridismo cultural ativo capaz de articular o momento intersticial (*inbetween moment*) para assim pertubar as significações cristalizadas. Este hibridismo intencional ou consciente se distingue do hibridismo natural considerado estéril. Aí existe igualmente a valorização de uma que aponta a inevitável imbricação Eu/Outro e a inexistência de identidades “puras” (apud SOUZA, 2006).

Um perfil de crítico cultural

O vôo rápido que fizemos com os principais conceitos da cultura pós-moderna nos leva agora a propor uma espécie de modelo ternário como paradigma propício ao exame da dinâmica cultural atual. A cultura parece ser o resultado de tantas tentativas históricas coletivas para se

negociar com as contradições e ambigüidades de um mundo em contínua transformação.

Trata-se agora da coexistência de culturas que geram novos espaços investidos de novas formações discursivas com novos enlaçamentos sociais e institucionais. Neste espaço, cabe igualmente o efeito de sentido vinculado a um engajamento de relação com sua dimensão estruturante e interpretante.

Neste âmbito, um crítico cultural deve ser capaz de:

— Analisar as estratégias utilizadas por autores das produções culturais das Américas, buscando as combinatórias sígnicas que determinam os feixes simbólicos das memórias múltiplas em circulação no contexto crioulizado dos espaços americanos;

— Avaliar a formação e o impacto dessas produções no modo de vida das populações dos espaços observados;

— Flagrar o trabalho de ocultação e de rasura de produções consideradas subterrâneas, e sem importância, que foram apagadas do centro produtor das sociedades americanas;

— Verificar de que maneira a transculturação se operou e se opera na transformação de símbolos das culturas hegemônicas transportadas, os quais entram em confronto ou em simbiose com a simbologia local.

— Explorar, através de análises semióticas pontuais, a mestiçagem das culturas que a História não foi capaz de captar e de descrever.

— Flagrar em textos culturais o tempo da mestiçagem e o tempo do hibridismo, como embreantes de arquivos socio—culturais específicos das chamadas terras do Novo Mundo.

— Sintetizar os princípios da Negritude, da Crioulização, das Textualidades Indígenas, Antropofagia e Realismo Maravilhoso para se buscar um denominador comum de averiguação de cada objeto de estudo.

— Trazer à tona as culturas dos excluídos e tentar propor construtos teóricos capazes de alimentar uma nova e diferente Teoria da Crítica Cultural.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F., VASCONCELOS, S. O conceito de transculturação na obra de Angel Rama. *In: JÚNIOR, B. Abdala (Org.). Margens da cultura. Mestiçagem, hibridismo & outras misturas.* São Paulo, Boitempo, 2004, p. 87-98.
- BAKHTINE, Mikhail. *Le marxisme et la philosophie du langage. Essais d'application de la méthode sociologique en linguistique.* Paris: Seuil, 1977. (orig. 1929, há uma tradução brasileira, São Paulo, Hucitec, 1979).
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia.* São Paulo: Cultrix, 1971.
- BARTHES, Roland. *Mythologies.* Paris: Seuil, 1957.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BHABHA, Homi K. Culture's In-Between. *In: HALL, S., DU GAY P. Questions of Cultural Identity.* London: Sage, 1996.
- BERND, Zila (Org.). *Dicionário de Mitos Literários das Américas.* Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007.
- BERND, Zila, O elogio da criouliidade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. *In: JÚNIOR, B. Abdala (Org.). Margens da cultura. Mestiçagem, hibridismo & outras misturas.* São Paulo: Boitempo, 2004. p. 99-112.
- BERND, Zila. *Americanidade e transferências culturais.* Porto Alegre: Movimento, 2003.
- BERND, Z., LOPES, C.G. (Org.). *Identidades e estéticas compósitas.* Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Écrire en pays dominé.* Paris: Gallimard, 1997.
- ECO, Umberto. *A estrutura ausente.* São Paulo: Perspectiva, 1971 (orig. 1968.).
- FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura.* Juiz de Fora: Editora UFJF/EdUFUF, 2005.
- GENETTE, Gérard. *Figures III.* Paris: Seuil, 1972.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation.* Paris: Gallimard, 1990.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço.* Trad. Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- JAKOBSON, Roman. *Essais de Linguistique générale.* Paris: Les Éditions de Minuit, 1963.

MIGNOLO, Walter. Transculturation: thinking about the borders and creolization. In: *Local Histories/Global Designs, Sublater Knowledge and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000, p. 164-171.

NÖRTH, Winfried. *A Semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunto cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

PIZARRO, Ana. Areas culturais da modernidade tardia. In: JÚNIOR, B. A. (Org.). *Margens da cultura. Mestiçagem, hibridismos & outras misturas*. São Paulo, Boitempo, 2004. p. 21-35.

SANTAELLA, Lúcia. *A teoria geral dos signos. Semiose e autogeração*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 3. ed. Trad. Chelini, A, PAES, J.P.& Blikstein, I.&Salum, I.N., Cultrix, São Paulo, 1969. (orig. 1916).

SOUZA, Eneida. *Tempo de Pós-Crítica*. Ensaios. São Paulo: Linear B. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2007.

SOUZA, Licia Soares de (Org.). *Dicionário de Personagens Afro-Brasileiros*. Salvador: Ed. Quarteto, 2009.

SOUZA, Licia Soares de. *Introdução às Teorias Semióticas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Licia Soares de. *Utopias americanas au Québec et au Brésil*. Ste. Foy: Presses de l'Université Laval, 2004. (Coll. Americana).

SOUZA, Licia Soares de. *Televisão e Cultura. Análise semiótica da ficção seriada*. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, FUNCEB, 2003. (Coleção Selo Editorial Letras da Bahia 92).

SOUZA, L.; SOUZA, João Cláudio. *Turismo Sustentável. Cultura, Relações Públicas, Qualidade*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2002. (Coleção Selo Turismo).

SOUZA, Licia Soares de. Elementos para uma sociosemiótica do audiovisual. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*. v. 5, Porto Alegre, jan/dez 1990. p. 165-180.

Textos selecionados / (de) Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson, Louis Hjelmslev, Noam Chomsky. Trad. Carlos Vogt et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Os pensadores).

TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970. (Coleção Debates 101).